

ENTREVISTA COM FABIO PIERANGELI

Andréia Guerini – UFSC

Eclair Antônio Almeida Filho – UNB

1) A que ponto estão na Itália as pesquisas sobre Calvino?

A bibliografia sobre Italo Calvino é ilimitada, desde a ensaística a volumes monográficos, até artigos de jornal ou de revistas mesmo não especializadas. Em geral, trata-se de estudos de altíssimo nível: os mais prestigiosos estudiosos italianos se ocuparam de Italo Calvino, e as suas obras, não somente as narrativas, mas também as ensaísticas estão publicadas na coleção mais prestigiosa dos “Classici I Meridiani Mondadori”, em diversos volumes. Se pudermos mapear uma certa inclinação no interesse acadêmico e por parte dos escritores contemporâneos, a favor de um retorno ao romance “extenso”, frequentemente enraizado na realidade concreta ou em âmbito burguês, a fortuna de Italo Calvino me parece particularmente viva em duas direções: o interesse constante e bastante em crescimento, com as edições econômicas e escolares, entre os mais jovens (atestam-no as classificações das vendas destas edições, mesmo em 2011); e aquela de estudiosos capazes de observar a amplitude dos interesses multidisciplinares do escritor, alargando, de fato, a esfera dos leitores não especializados. Seguramente entre os livros mais interessantes dos últimos anos deve-se recordar, nesta direção, *L’occhio di Calvino*, de Marco Belpoliti,

de 1998, sobre o visível e sobre o olhar no escritor de Sanremo. Mais recentemente, atesta este interesse multidisciplinar a reimpressão das *Cosmicomiche* a cargo de Claudio Milanini, acompanhada nas páginas dos maiores jornais italianos em relações com fenômenos astronômicos, e o volume de Gabriele Lolli, *Una rilettura delle «Lezioni americane» di Italo Calvino*, publicado pela editoria Bollati Boringhieri, de Torino.

- 2) Gostaríamos de saber a sua opinião acerca da importância das “metamorfozes” e da “ideia do nada” na obra calviniana.

Agradeço-lhes pela referência às palavras temáticas de um texto crítico meu, editado pela Rubbettino nos anos Noventa. Devo confessar sentir muito distantes as ideias expressas nesse livro, que certamente não renego, mas que pertence a uma atmosfera diferente, cultural e pessoal. Sem dúvida a ideia da metamorfose permanece central em Calvino, e no meu modo de olhar este autor, até no seu significado ético mais profundo e sugestivo, expresso nas *Lezioni americane*, na conferência de abertura, através do mito de Perseu e Medusa que prevê a vitória do bem, da beleza, da visão renascentista e humanística a respeito do mal, da deformidade. Isto pode advir através do valor absoluto da literatura, olhar reflexo, límpido, racional, sobre o caos do mundo. Com o passar dos anos na minha história de intérprete literário e docente, o apreço por esta visão superou certos contrastes, expressos no livro por meio da palavra “nada [nulla]” que hoje me parece seguramente inadequada para a escrita de Calvino, mesmo onde a construção de um mundo utópico e alternativo parece se distanciar das problemáticas reais da vida humana.

A propósito de metamorfoses, recordo este trecho:

“As Metamorfoses querem representar o conjunto do narrável transmitido pela literatura com toda a força de imagens e de significado que esse conjunto conduz, sem decidir - segundo a ambiguidade propriamente mítica - entre as chaves de leitura possíveis. Apenas acolhendo no poema todas as narrativas e as intenções de narrativa que escorrem em todas as direções, que se amontoam e se empurram para abrir um canal na ordenada fileira dos seus hexâmetros, o autor das Metamorfoses ficará seguro de não servir um desenho parcial mas a multiplicidade vivente que não exclui nenhum deus conhecido ou desconhecido”. (Italo Calvino, *Gli indistinti confini*, in Publio, Ovidio Nasone, *Le Metamorfosi*, a cura di P. Bernardini Marzolla, Torino, Einaudi, 1979, pág. X. Agora em *Perché leggere i classici*, Milano, Mondadori, 1991.

- 3) Enquanto você preparava a publicação do livro *Biografia per Immagini*, você percebeu em Calvino uma intensa relação entre o “mundo escrito” e o “mundo não escrito”?

Acredito que seja justamente a nova perspectiva, a passagem crítica, entre os dois livros, com certeza muito diferentes, que dediquei a Calvino: a relação entre mundo escrito e o não escrito fascina o escritor, em busca de uma mediação não banal mas neanche militante, depois de uma primeira tentativa de caráter neo-realístico no qual já se sente o desejo de uma via de fuga, expressa de vários modos a partir da voz maravilhada, assustada, atenta de Pin. Na *Biografia per*

Immagini acredito que esta relação seja trazida à luz de um modo mais equilibrado, sem pretender da parte do escritor respostas precisas sobre o mundo real, na consciência de que a busca de uma relação entre estes dois mundos corresponde a um valor, não a uma diminuição de empenho humano para um território apenas literário ou fantástico.

4) Qual é o diálogo que Calvino instaura com outros escritores?

Desde muito jovem, Calvino se inseriu imediatamente no mais alto mundo cultural, de Pavese a Vittorini, em todo o ambiente da Einaudi, e participa, como atestam os ensaios reunidos em *Una pietra sopra (Assunto encerrado)*, do debate cultural sobre o romance e a realidade, com discussões vivazes com os outros escritores. Em uma segunda fase da sua vida, Calvino sente a necessidade, como è sabido, de se isolar, de mudar de ares, de compreender e compreender-se, mantendo certas relações pessoais com os escritores italianos mas preferindo ligar-se a figuras eminentes da cultura francesa, em torno da experiência do Oulipo, e a personagens ligados a um discurso meta-literário, como o grande Borges. Veja-se neste sentido a troca epistolar com Pasolini que evidencia dois modos de o escritor relacionar-se com a realidade: um impetuoso e sempre presente nas páginas dos jornais, o outro, tendo como emblema o seu Palomar, levado à reflexão, a morder os lábios antes de falar, sabendo que a resposta do intelectual deve ser uma resposta não imediata, mas com o olhar em uma continuidade que atravessa o presente. Ao fim dos anos Setenta, Calvino se torna um Mestre reconhecido, na Itália e no exterior: muitos os seus alunos

escritores, entre os quais recordo-me de Gianni Celati, Andrea De Carlo, Giuseppe Conte.

- 5) Diante de um *mundo*, no início ainda do século XXI, ainda movido em grande parte pela política de interesses corporativos, o que continua a nos dizer *La giornata d'uno scrutatore*¹ (1963), que você define, na *Biografia per immagini* como “o livro mais sofrido e engajado de Calvino [...] que mostra o caráter utópico do seu pensamento [il libro più sofferto e impegnato di Calvino [...] che mostra il carattere utopico del suo pensiero]” (p. 119)? O que une esse livro a *La speculazione edilizia*² (1957) e *La nuvola di smog*³ (1958) do ponto de vista da “utopia calviniana”, no que concerne a atualidade?

Na minha opinião, justamente ao nos dizer *La giornata d'uno scrutatore*, Calvino tem a coragem de olhar na face da Medusa, ou daquelas pessoas que por diversos motivos portam graves incapacidades ou deficiências físicas e mentais desde o nascimento. Monstros segundo um ideal renascentista de beleza. Isto põe uma série de perguntas, colocando em segundo plano o aspecto político, no entanto importante. O protagonista Amerigo Ormea não tem respostas e, além do mais, no início se pergunta se todo o ativismo do pós-guerra esteja já naufragado, junto com a solidariedade. Um trecho que me parece muito interessante é:

¹ *O dia de um escrutador.*

² *Especulação imobiliária.*

³ *A nuvem de smog.*

“Naqueles anos a geração de Amerigo... tinha descoberto os recursos de um comportamento até então desconhecido: a nostalgia. Assim na memória, ele pôs-se a contrapo ao cenário que tinha diante dos olhos o clima que tinha havido na Itália depois da Liberação, por alguns anos dos quais agora lhe parecia que a recordação mais viva seria a participação de todos nas coisas e nos atos da política, nos problemas daquele momento, graves e elementares... recordava o aspecto das pessoas de então, que pareciam quase igualmente pobres, e interessadas pelas questões universais, mais do que pelas privadas...

Por isso, aquilo que conta de cada coisa é apenas o momento em que começa, em que todas as energias são impelidas, em que não existe senão o futuro?”

A utopia aflora no final, como depois em *Le città invisibili*⁴, na bela imagem de uma possível cidade perfeita, que nasceria das imperfeições de todas as outras cidades. Esta temática será aprofundada, como se dizia, até as *Lezioni americane*⁵. Esplêndidos livros de denúncia, mas tipicamente calvinianos, mesmo *La speculazione edilizia* e *La nuvola di smog*, onde o caráter do escritor se evidencia na construção de personagens verossímeis, mas no final das contas, extremamente poéticos, no seu deslizar-se a respeito das ondas de progresso malsão.

- 6) Poderíamos dizer que em Calvino, sobretudo dos anos 60 em diante, encontramos um “re-escritor” e um “re-narrator”?

⁴ *As cidades invisíveis*.

⁵ *Lições americanas: seis propostas para o próximo milênio*.

Acredito que potencialmente todo escritor re-escreve e re-narra. No caso de Calvino, a pesquisa na tradição italiana e não, a iniciar pelos estudos sobre a fábula, tinha dado resultados excepcionais: penso particularmente no ariostesco riquíssimo de referências literárias, *Castello dei destini incrociati*⁶, e na re-escrita das aventuras de Marco Polo nas *Città invisibili*.

- 7) Qual é a importância de Calvino para a literatura italiana e, sobretudo, para a estrangeira?

Acredito que se deva buscar no valor absoluto da literatura, da narrabilidade do mundo como valor humanístico. Seguramente, com Gadda, o escritor das características opostas, é o escritor mais importante da segunda metade do século XX italiano e de reflexo na literatura estrangeira, pela capacidade de experimentar novas técnicas, até num mesmo passo com a ciência.

- 8) Qual é o legado de Calvino?

Mais uma vez sinto que devo responder reportando-me ao mito de Perseu e Medusa, na primeira das *Lezioni americane*: a literatura, com o seu olhar reflexo, à distância, sabe ver o mundo e a realidade através da beleza, esperando transformar o mundo e conduzi-lo para um contínuo melhoramento. Convém citar então o trecho:

⁶ *O Castelo dos Destinos Cruzados*.

“É sempre em uma recusa da visão direta que está a força de Perseu, mas não em uma recusa da realidade do mundo dos monstros no qual lhe coube viver, uma realidade que ele porta consigo e assume como próprio fardo.

...era como se ninguém conseguisse fugir do olhar inexorável da Medusa, o único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas, Perseu que não volta o seu olhar para o vulto da Górgona mas apenas para a imagem dela refletida no escudo de bronze.

Perseu venceu uma nova batalha [...] libertou Andrômeda. E agora trata a fazer aquilo que cada um de nós faria depois de uma proeza desse gênero: vai lavar as mãos. E aqui Ovídio tem versos que me parecem extraordinários para explicar quanta delicadeza de ânimo é necessária para ser um Perseu, vencedor dos monstros: «Para que a áspera areia não desfigure a cabeça anguícoma, ele amacia o terreno com uma camada de folhas, estendendo sobre ele raminhos nascidos sob a água e deposita a cabeça da Medusa com a face para baixo». Parece-me que a leveza da qual Perseu é o herói não poderia ser melhor representada do que por este gesto de refrescante gentileza para com esse ser monstruoso e tremendo mas de qualquer modo deteriorável, frágil. Mas a coisa mais inesperada é o milagre que disto segue: raminhos marinhos ao contato com a Medusa se transformam em corais, e as ninfas para enfeitar-se de corais acorrem e aproximam raminhos e algas da terrível cabeça”.

Acredito que o dom desses corais seja o legado mais memorável de Italo Calvino, sem me esquecer do trabalho cuidadoso e inteligente no mundo editorial, sempre de primeira categoria.

- 9) Calvino é um dos autores italianos mais traduzidos no Brasil. Como você interpreta um interesse de tal dimensão?

Difícil dizer com precisão, depende inclusive de fatores extraliterários, ligados ao mercado editorial. Em todo o continente americano Calvino tem tido uma fortuna excepcional, principalmente nos últimos anos de uma quantidade impressionante, especialmente nos Estados Unidos. Entre os motivos, certamente a profundidade das temáticas unidas a uma leveza de escrita e a uma grande comunicabilidade mesmo nos livros “engajados” e testemunhas de uma época na história italiana. A amizade com muitos escritores estrangeiros, o seu perfil internacional, as muitas viagens culturais, seguramente favorecem este amplo consenso, ao qual se acrescenta, acredito, o particular apreço do filão fantástico, consoante com a tradição brasileira do realismo mágico.

Tradução de Andréia Guerini & Eclair Antônio Almeida Filho